

Macau. Hac Sa, Pousada de Coloane junho 1980

BIODADOS -- colóquio da lusofonia



[38º ribeira grande 2023](#)



[38º ribeira grande 2023](#)





[38º ribeira grande 2023](#)

**Rui Paiva** nasce em 1954 em Moçambique, Lourenço Marques, hoje Maputo.

Vive até aos 13 anos no Planalto do Chimoio, completando o liceu, bem como os três primeiros anos do Curso de Economia na capital.

Dá alfabetização nos arredores de Maputo e, enquanto sócio (militante) do mítico Cine Clube de Lourenço Marques, faz um curso de Cinema.

Licenciando-se em Lisboa no ISEG, leciona por alguns anos (Economia Política). Tomando conhecimento de uma vaga para o lançamento de um novo Departamento de Comércio Interno, abraça esse desafio, iniciando o seu percurso em Macau, em abril de 1979. Por três anos e meio, trabalha nos Serviços de Economia de Macau, chegando a ser, por um ano, Responsável pelos mesmos, reestruturando os serviços e participando com a tutela na elaboração de uma Nova Lei de Comércio Externo (que vigora por décadas). Ingressa em Lisboa no BPA, onde inicia uma carreira de banca internacional em Portugal.

Mais tarde, em Macau (BPA:1988-91), BNU (1991-1993) e em Hong Kong (1993-4). Em 1986 interrompe o seu percurso na banca para regressar a Macau como Chefe de Gabinete do Secretário para a Economia, Finanças e Turismo e substituto do Governador. Em simultâneo, é Delegado do Governo para empresas da STDM e, mais tarde, Administrador do Fundo de Pensões de Macau (participa desde a sua Comissão Instaladora) e membro da Comissão de Fiscalização da Autoridade Monetária de Macau. Rui Paiva é “descoberto” como artista, em Macau, nos anos 80, por um curador muito conceituado na comunidade chinesa.

Inicia uma carreira nas Artes Plásticas, no final da década, com exposições a um ritmo quase anual. Em 1989, em Macau, tendo no currículo dezenas de exposições individuais também por Portugal, Hong Kong e Vietname, mais precisamente em Ho Chi Minh (inaugurada pelo retratista e escultor privativo do líder Ho Chi Minh). Mais de uma centena de Exposições Coletivas em Macau, HK, Japão, Malásia, Singapura, Portugal.

Como escritor, edita três livros de artista: *Desenhos* em 1982 em Macau, *Nuvem Branca* (vários festivais literários de Cascais, *Escritaria* de Penafiel, *Folio* em Óbidos e *The Script Road - Macau Literary Festival* (2018) e *Porto Moniz*, com lançamento em 2022 na Feira do Livro do Funchal e no Porto no Museu Nacional Soares dos Reis.

BIODADOS -- colóquio da lusofonia



livros de Rui Barata Paiva " Nuvem Branca" e "Porto Moniz"





## 1.2. Chrys Apresentou Rui Barata Paiva

RUI BARATA PAIVA chegou timidamente a Macau em 1979, já eu ali estava há mais de dois anos e cedo demonstrou ser um jovem inteligente e culto nas tertúlias que iam surgindo aqui e ali, aos almoços e jantares no Clube Militar, no Clube de Macau, no restaurante Henry's e tantos outros locais como a Pousada de Coloane em Hác Sá, ou mesmo a sempre agitada casa do arquiteto Manuel Vicente.

Nesse tempo eram as pessoas que faziam os locais e começava a chegar gente diferente e interessante, jornalistas, arquitetos, gente da Banca como o Rui.

Em janeiro 1983 deixei Macau para me fixar definitivamente na Austrália e passaram-se décadas sem saber dele até descobrir que depois da minha saída criara um alter ego artístico e sobressaía agora no meio da aquarela.

Convidei-o a juntar-se a nós na AICL e a vir a este colóquio sem imaginar que ele me iria pedir o impensável para o apresentar a si e à sua obra, coisa que se torna notoriamente impossível pela minha incapacidade e incultura de artes plásticas aliada à minha ignorância sobre como fazer a exegese da sua obra.

Avisei-o de que iria folhear as duas obras autobiográficas, deveras intimistas e profusamente ilustradas, incapaz de as sintetizar para um público exigente como este, mas adverti que iria buscar e citar uma análise que alguém mais capacitado já tivesse feito.

**É um prazer e uma honra revê-lo passadas tantas décadas mas o melhor é citar Hélder Beja, que em 26.9.2017 escrevia para o jornal Ponto Final do meu amigo Ricardo Pinto.**

*A vida de Rui Paiva é feita de um sem fim de afluentes que desaguam todos no mesmo rio: o da curiosidade e sede de conhecimento de um homem que atravessou África, Europa e Ásia. A exposição "Diários Gráficos", na Casa de Santa Maria, em Cascais, inserida no Festival Internacional de Cultura e o livro de artista "Nuvem Branca", são a súpula de um percurso que passou várias vezes por Macau.*

*Paiva apresenta também o livro de artista e livro de vida "Nuvem Branca", bilingue (Português-Ingês) que reúne a obra, e as memórias do economista que viveu vários anos em Macau e que nas suas exposições cria sempre trajetos, como se fossem uma história de Diários Gráficos.*

*Os fragmentos da obra e da vida de Rui Paiva espalham-se por várias vitrinas.*

*São notas visuais tomadas nos mais diversos lugares, de Macau a Monte Gordo, da Tailândia a Porto Moniz, de Hong Kong às margens do Tejo.*

*"Há sempre uma ligação muito grande entre os diários gráficos, o trabalho plástico, e a escrita, a literatura – por isso a máquina de escrever é aqui um elemento fundamental", explica o artista, apontando a velha máquina restaurada que abre o percurso da exposição.*

*No primeiro escaparate estão livros que contaram com a participação de Paiva, como o livro de desenhos editado em Macau no ano de 1982, ou as obras por si ilustradas de Helena Osório, José Silveira Machado, Irene Rodrigues e do poeta Alberto Estima de Oliveira, pois acha que é muito importante criar interações com quem visita as exposições, explicando por que decidiu inserir na mostra várias leituras e imagens icónicas que o vêm acompanhando, Che Guevara, Mao Zedong e o Livro Vermelho, a Lei Básica de Macau, Milan Kundera, Arundhati Roy, Fernando Pessoa, Ernest Hemingway e outros.*

*Na exposição percebe-se a pulsão do autor pelo colecionismo, não apenas de artefactos mas também de memórias.*

## **BIODADOS -- colóquio da lusofonia**

*Ao registar as suas viagens, aquilo que pensa e sente, e ao fazê-lo em diferente formas (pintura, escrita) e suportes (dos blocos e cadernos), Paiva coligiu e preservou uma boa parte das histórias que a vida lhe ofereceu.*

*Enquanto olha a panóplia de artigos que as vitrinas guardam, vai desfiando episódios: o do casal que discutia num café do Porto e o fez escrever sobre o ciúme; o das reações sensoriais que teve ao atravessar a porta de uma loja chinesa; o dos corpos de mulheres que se insinuam em traços abstratos; os da infância em Moçambique; o dos poemas que escreveu quando o tufão Hato atingiu Macau e lhe mostrou através da comunicação social que “há cada vez menos interesse em acompanhar Macau em Portugal”.*

*Não falta à exposição a componente audiovisual: em Moçambique, Paiva foi um aficionado do cinema através do Cine Clube de Lourenço Marques, nos anos 1970.*

*O filme apresentado mostrava as recoletoras de amêijoas na Costa do Sol, seguindo a rotina das mulheres moçambicanas na apanha de amêijoas.*

*Num entrelaçar de memórias coletivas e políticas com outras pessoais e emotivas, Rui Paiva constrói um percurso pelos seus mais de 60 anos de vida.*

*E se isso é verdade para a exposição em Cascais, é-o ainda mais para o livro “Nuvem Branca” que deve o título ao nome atribuído a Rui Paiva no Vietname, quando em 1994 apresentou a exposição individual “Nine Dreams” na capital do país, privando com o artista Nguyen Quan que teria sido o escultor oficial de Ho Chi Min.*

*Esta é uma das muitas histórias em quase 300 páginas profusamente ilustradas com os trabalhos do artista, documentos, recortes de jornais e fotografias, além de vários encartes.*

*Rui Paiva confessa que era um projeto antigo e um projeto de vida, ter num livro o trajeto explicado enquanto artista.*

*A história começa com um rapaz que cresce em Vila Pery, no planalto do Chimoio e que cedo se vê despertado para a literatura e para a política.*

*Escreve pequenos contos, acompanha a primavera de Praga e a Guerra Fria.*

*Nos anos de Universidade, e enquanto cursa Economia, desenha a caneta várias imagens reveladoras de uma consciência política, que vai de África à China, em que mostra que a geopolítica esteve sempre na sua vida, desde miúdo, desde um conto que escreveu, chamado ‘O Fracasso’, quando tinha uns 13 anos, sobre o tráfico de armas nucleares da ex-URSS.*

*Segue-se a vida profissional e Macau, ocupando no território funções tão diversas quanto as de chefe da Divisão de Comércio Externo do Governo, responsável pela Repartição de Serviços de Economia (1980), Chefe de Gabinete do Secretário Adjunto da Economia, Finanças e Turismo, bem como Chefe de Gabinete do Governador Carlos Monjardino (1986) e várias posições na banca durante os anos 1980 e 90.*

*“A burocracia para ir para Macau levou nove meses, por isso Rui Paiva diz que foi um parto natural.*

*Foi contratado durante a administração de Garcia Leandro para criar uma divisão de Comércio Interno e quando chegou aos Serviços de Economia não havia um único dossier, histórico nenhum.”*

*Desses anos em Macau, o livro “Nuvem Branca” foca as amizades e os serões em casa do arquiteto Manuel Vicente, e um extenso portfólio de fotografias tiradas durante esses anos, que documentam – a vivência, as crianças, os adultos, a alimentação, o vestuário, os bicos de Macau; e também o tufão Hope.*

*Rui Paiva, destaca a ida a Macau, em 2015: a relação dos afetos.*

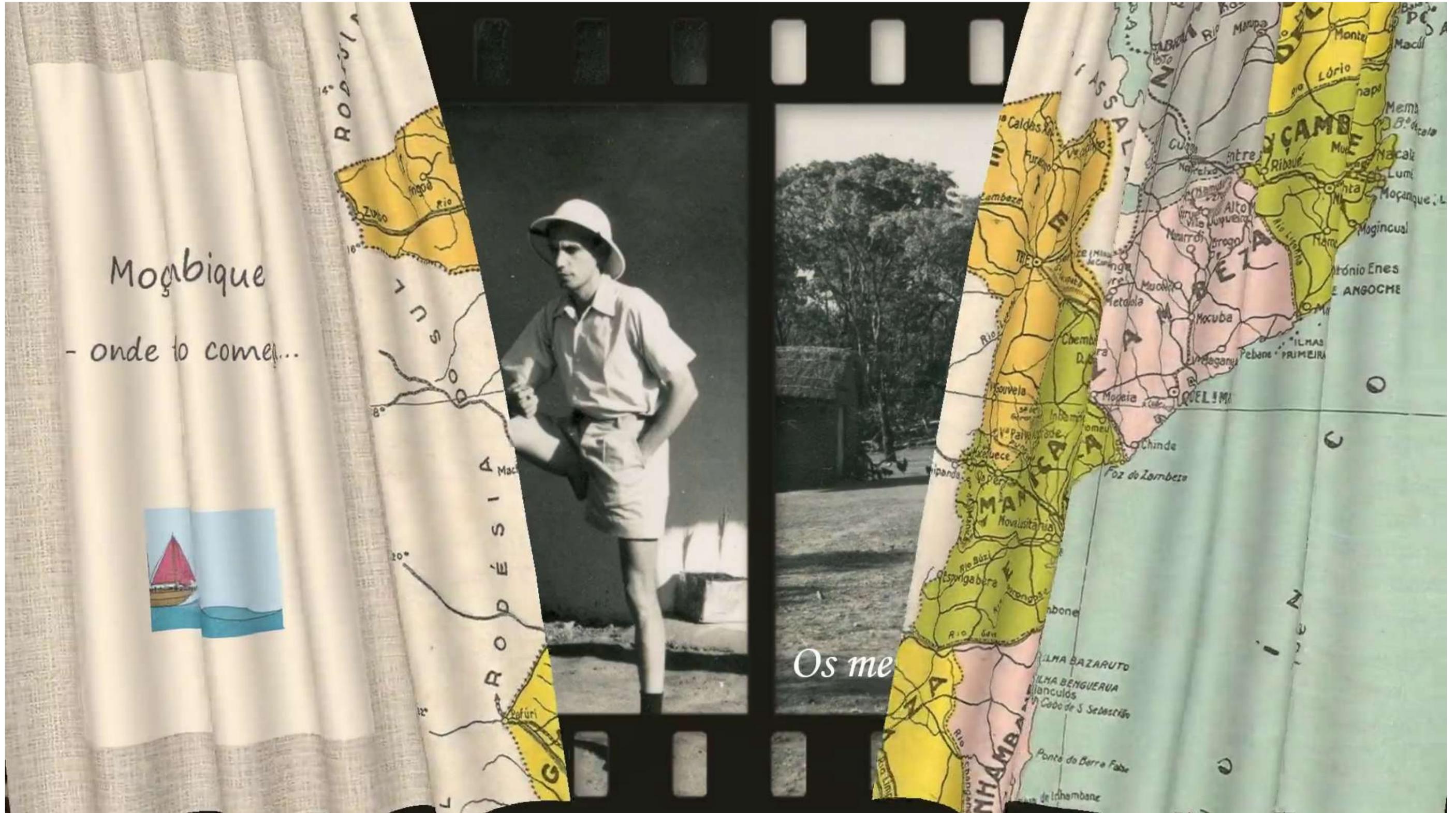
*Numa semana aconteceu tudo: fez uma palestra na Universidade de Macau sobre a China, outra na Fundação Rui Cunha, uma exposição de aguarela na Livraria Portuguesa, e teve grande apoio de pessoas como o Ricardo Pinto, Frederico Rato, Rui Cunha, pois já não ia a Macau há 21 anos.*

*“Nuvem Branca” abriu portas a este homem que é há muitos anos curador da coleção e gestor do património artístico do Millennium bcp.*

*Rui Paiva esteve no festival literário Escritaria, em Penafiel, 2017, convidado pelo FOLIO – Festival Literário Internacional de Óbidos, apresentou The Script Road - Macau Literary Festival (2018) e lançou Porto Moniz, em 2022 na Feira do Livro do Funchal e no Porto no Museu Nacional Soares dos Reis.*

*Termino esperando ter despertado o vosso interesse com esta deambulação da obra artística e geopolítica de Rui Paiva.*





Mozambique  
- onde to come...



Os me





O RAPTO

Ian Stevenson, milionário americano, dono de vários pozos de petróleo, assistiu à estreia de um dos últimos mais recentes filmes quando apareceu um porteiro <sup>no seu camarote privado</sup> do cine-  
Hollywood em Los Angeles

com actores famosos, quando apareceu no camarote um <sup>ARRUMADA</sup> portador de uma carta anónima.

Mr. Stevenson, desculpe incomodá-lo, tenho aqui uma carta para si.

- Obrigado - disse o milionário pegando na carta. e dando a emprestado a lanterna.

- Está aqui Sr. Stevenson.

- Mas... quem é que lhe entregou esta carta? Não tem nada escrito no end

mesmo agente que diligência. Serão milhões, exclamou - Faça favor de entrar por esta por Mr.

- Boa noite Coronel.

- Boa noite Mr Stevenson. Há complicações

Recibi esta carta <sup>anónima</sup> quando a scista à estreia do filme "The Victorious" leia.

A carta estava escrito o seguinte:

MR. STEVENSON

7/-/-

O SEU FILHO ESTÁ NAS NOSSAS  
 PODER.

SE NÃO FIZER O QUE MANDARMOS  
 FAZER NÃO TORNARÁ A VÊ-LO.

NÃO AVISE A POLÍCIA NÉ SERÁ MELHOR  
 PARA SI E PARA O SEU FILHO.

AMANHÃ, dia 8, às 11 horas da  
 NOITE, DIRIJA-SE NO ~~CAD~~ SEU CARRO  
 APENAS COM O CHAUFER, à AMERICAN

S. PAUL STREET, ~~EM~~ NO RIM DARVA  
 HÁ UM VELHO PRÉDIO, DESABITADO. ENTRE

Conto  
 policial  
 escrito  
 em  
 1968...

15<sup>h</sup> e 5m

PRAGA - A Rádio Praga anuncia que as tropas soviéticas, húngaras, ~~Bulgáras~~, ~~Romenos~~ e da Polónia alemãs (orientais) e de ~~Polónia~~, <sup>Polacos</sup> (aproximam-se) ~~preparam-se~~ para ~~mover-se~~ acausam de ultrapassar as fronteiras ~~de~~ checas. Ao mesmo tempo ~~que~~ as tropas Bulgáras e Romenas ~~imadam~~ a Jugoslávia. ~~que está~~

TÓKIO - Uma <sup>poderosa</sup> ~~resquadra~~ japonesa acedia de partir para Nagasaki, via Osaka, ~~de onde~~ <sup>de onde</sup> está concentrada a frota aérea japonesa (donde ~~reusam~~ atacam a Coreia).

~~a France Rupert~~ II capítulo.

MOSCOVO - Os dirigentes soviéticos veem que ~~chegou~~ o momento de empregar as bombas secretas (S. V. 20).

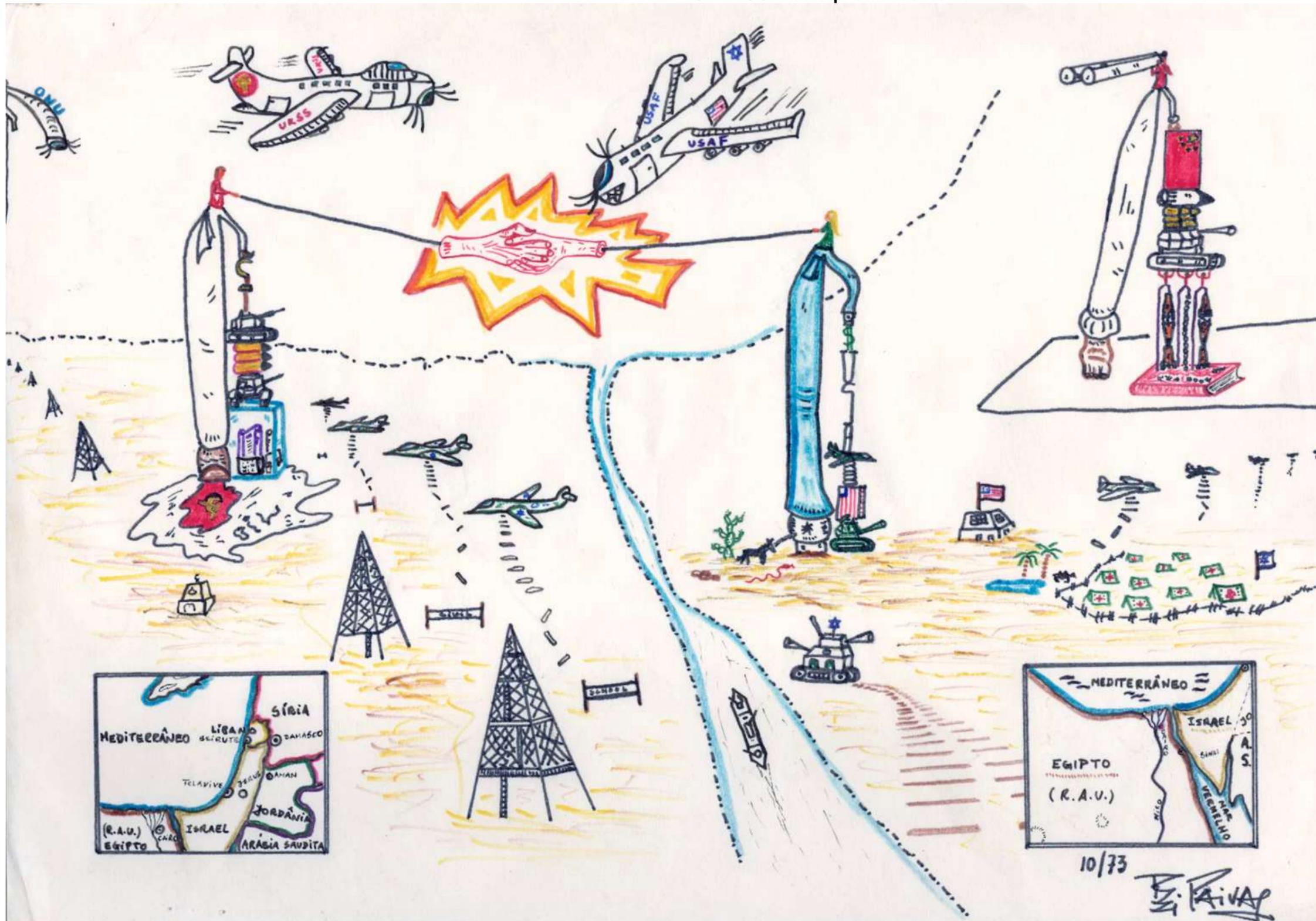
mandam um comunicado para a Mongólia onde ~~se~~ está a ser feitas as ~~as~~ destruidoras bombas.

INTERNAZIONALE

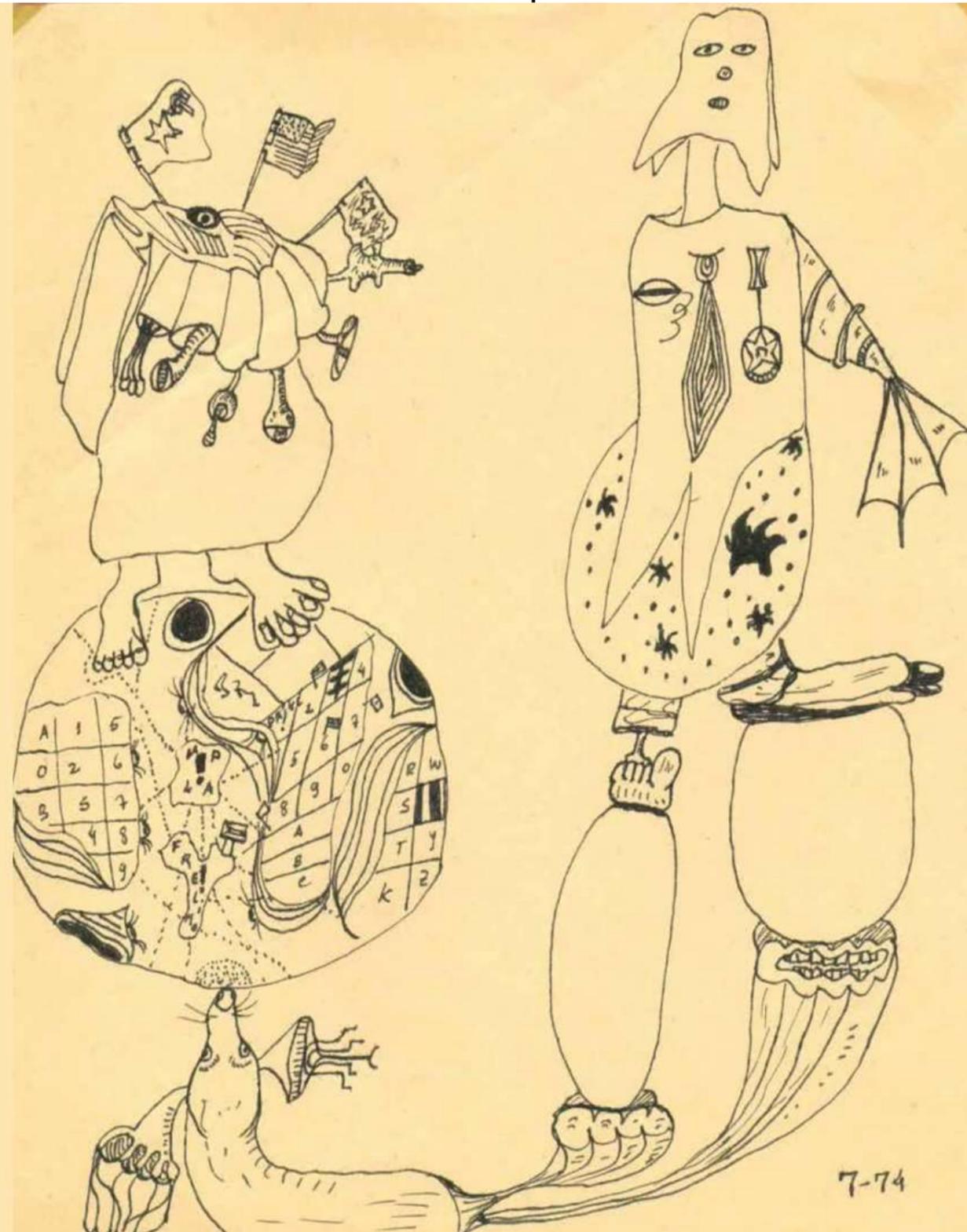
~~em~~ Nos arredores de ~~Kobdo~~ ~~EX/LA~~ Uimka pequena aldeia a cerca de 150 km de Kobdo estão instalados 4 ~~grandes~~ <sup>edifícios</sup> ~~armazéns~~ com a aparência de almazéns. Estes <sup>edifícios</sup> ~~armazéns~~ estão cercados por um alto muro e por uma rede de arame farpado de 2 e 30 de

Conto "O Fracasso" escrito em 1968.

Sobre o tráfico de armas nucleares na URSS.



Desenho sobre a Guerra Fria; 1973.



Desenho  
Geopolítico;  
1974.





*Passávamos as férias com os meus avós*



*A casa*







Mãe Ávia 2020



ROCHEDOS E BRUXEDOS<sup>u</sup>

2] AN  
NEL  
1 R2  
00

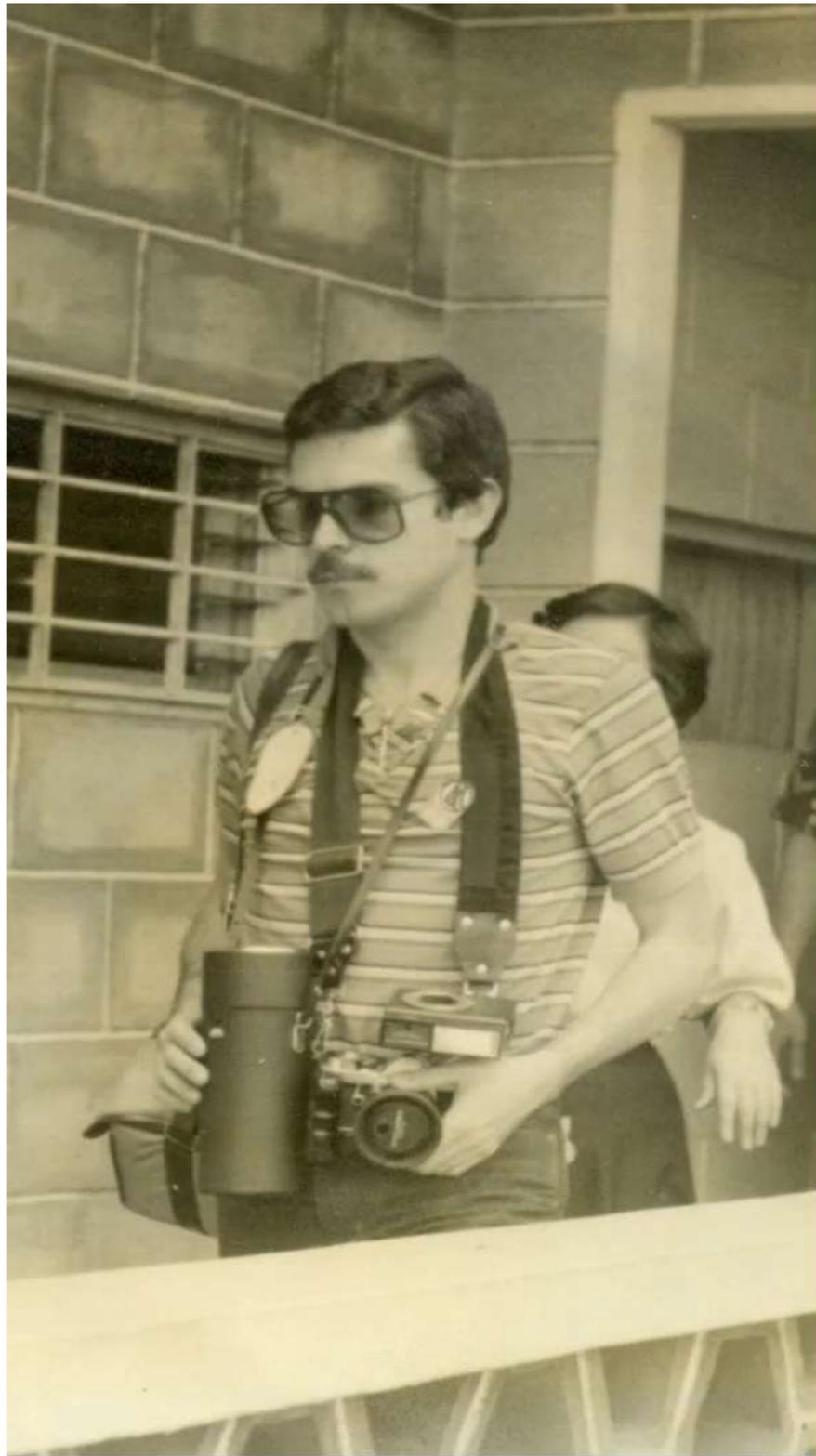
FUNDOS) NUM MURMÚRIO

NA POESIA DOS MARES, AS PALAVRAS ENCOLHEM-SE NO(S)



21/ANV. 2008

Vinícius  
2008



Macau anos 80





*Série TUFÃO HOPE, 1979.*



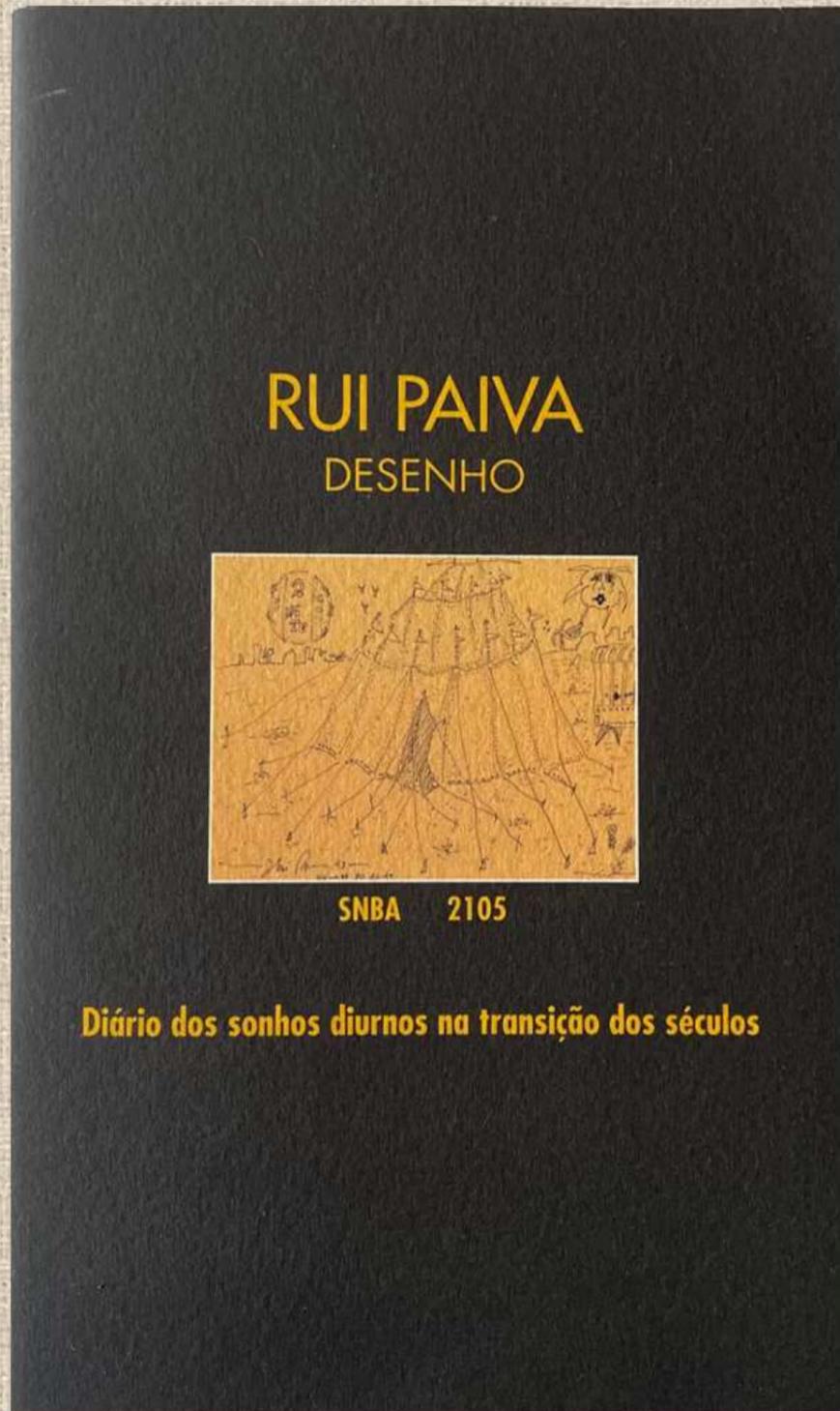




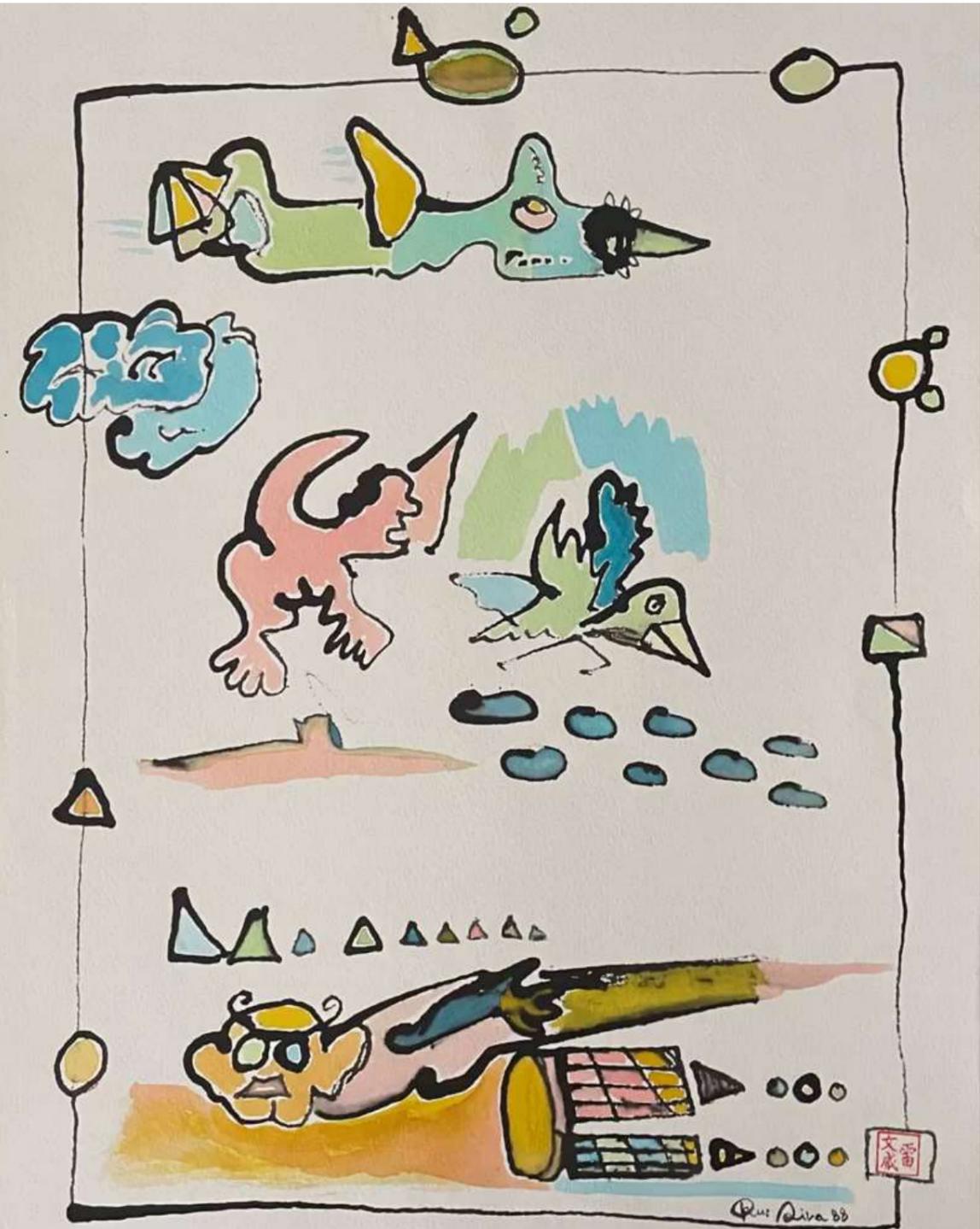


RUI B. TRATA PAIVA • DESENHOS • MACAU • 1978/82

meiro livro de desenhos



Segundo livro  
de desenhos;  
2005





### 36- FORMAÇÃO NA SNBA 1984/1985

Fui aluno de João Vieira na SNBA, em 1984/1985, num ano de intensa actividade de artes plásticas.

João Vieira era um "Senhor" enquanto homem e um professor magnífico.

O Curso de Experiências Plásticas era muito diversificado e abrangente nas disciplinas das artes plásticas, contendo uma tal diversidade de matérias que se revelou um ano de abertura e de conhecimento muito enriquecedor, com intenso trabalho nas técnicas de pintura e desenho. Umas aulas que se revelaram muito válidas!

João Vieira falava para a turma. Não dedicava uma atenção especial a cada aluno mas espicaçava o colectivo. Um dia, como estava sem saber o que achava da minha actividade, pedi directamente uma opinião. Que não deu...

No final do ano lectivo organizou uma exposição colectiva em torno do Atelier Livre João Vieira e quando todos nós espalhámos os trabalhos pelas salas da SNBA, qual não foi o meu espanto e alegria quando escolheu um amplo conjunto diversificado de peças minhas:

Um "boneco" dedicado aos bonecos dos anos 80 de José de Guimarães; seis pastéis secos; um óleo em ocres numa paisagem surrea-

lista; um envelope desmultiplicável em pastel de óleo.

Mais tarde ia visitá-lo ao seu

I was a student of João Vieira at the National Society of Fine Arts (NSFA), in 1984/1985, a year that I spend much of my time dedicated to arts.

João Vieira was a gentleman, a kind-hearted man, and a magnificent professor.

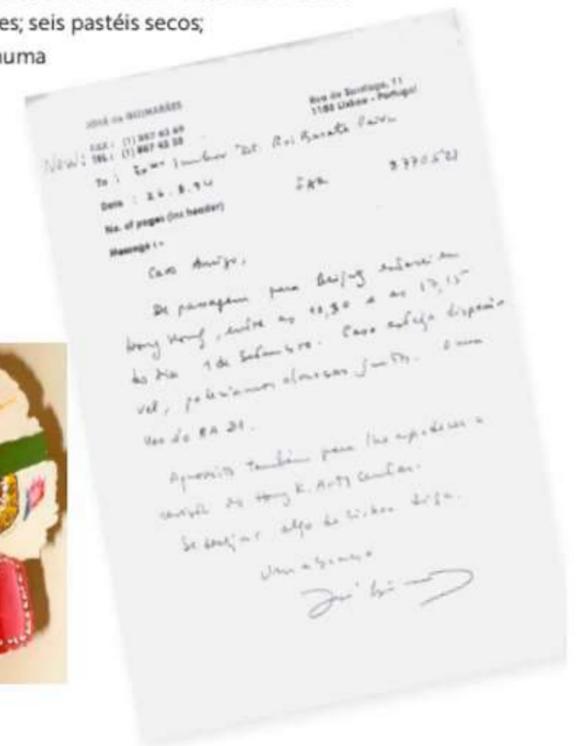
The class name was "Plastic Experiences" and it was very diverse and comprehensive in what concerns the plastic arts subjects studied. It was a year of mind openness and intense learning, and much work on painting and drawing techniques. Some of the classes were very useful in my future.

João Vieira was lecturing. He never paid special attention to any particular individual, but he was very strong on awaking enthusiasm among the body of his students. One day I thought I would like to

### 36- LEARNING AT NSFA 1984/1985



159





### 43- THE GULF WAR AS A MEDIATIC PHENOMENON 1991

The Gulf War started when I was in Macau. As a Territory governed by the Portuguese and distant from the happening I was only feeling the shaking of the war from a long distance. My first formal exhibition, with catalogue, "Understanding Green", had been around a year before. That is part of what made it so important. It was my first individual exhibition. The venue was the renewed building of the old Conde de S. Januário Hospital, and was sponsored by Bruno Soares.

António Conceição Júnior, an influential person in Macau's cultural circles creates a small catalogue. The design was his creation and it was very innovative. He was also the author of the preface. Estima de Oliveira, a mature and prestigious poet that I admired very much, offered a poem of his *Infrastructures* to add to the catalogue.

But 1991 was the year of a new exhibition.

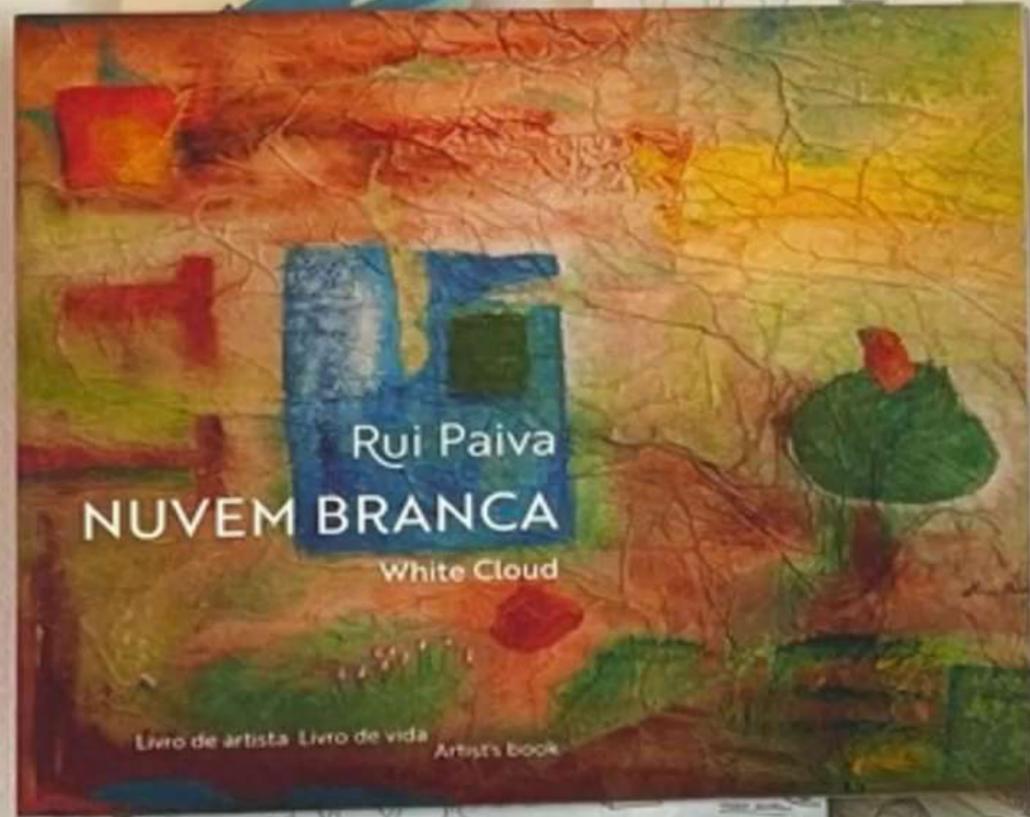
I was concerned about what was going on the world. Not only what we could see but what we could not see but imagine. We all lived in front of the CNN to try to find out any further detail. People watched the war news as if they were following some sort of show or soap opera, alienating us from the horrors of a war.

This observation inspired me to create a mediatic phenomenon. I wanted to make this war appear in all Macau's media. I sent to Macau's TV and the most important newspapers (Tribuna, Comércio de Macau, Clarim) news, poems, drawings, cartoons, interviews, all made to shake the sleeping minds of Macau's population. I organized an exhibition named *Sépias e Sanguineas do Deserto*, (Sepia and Sanguinea Colors of the Desert), in the Portuguese Library. The theme, of course, was the Gulf War. It was a success, with many visitors.

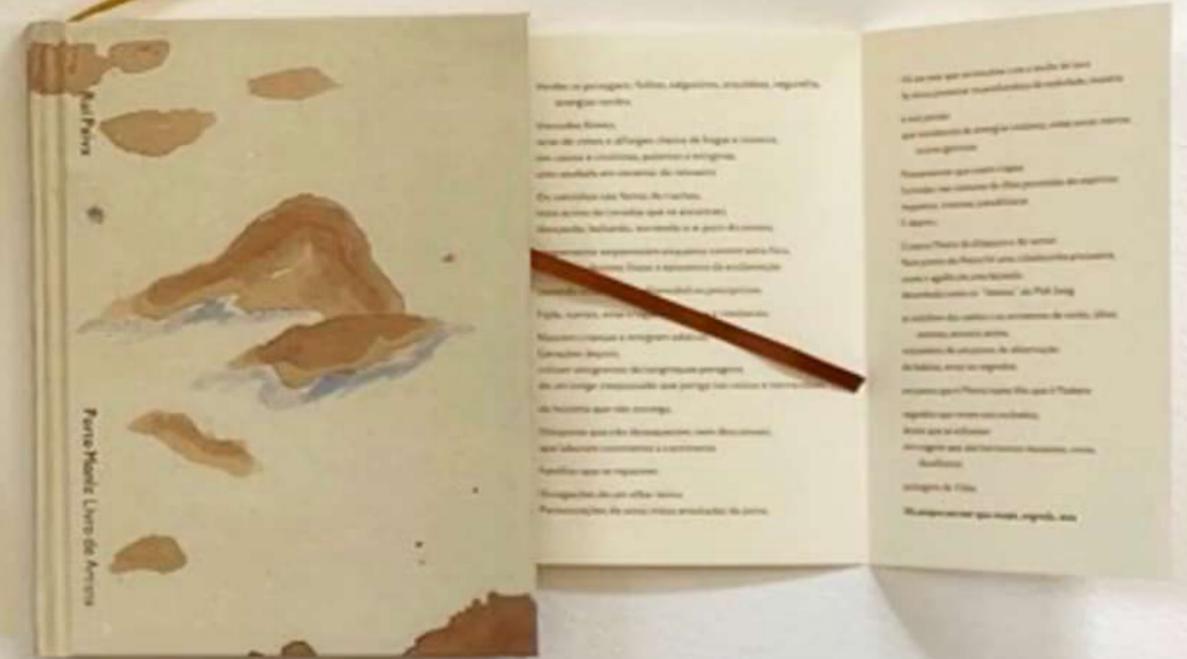
The exhibition was made of collages with paper of different color tones representing the desert, as well as draws using sepia to represent the blood. The venue was very successful, despite the fears regarding the announcement of a coming typhoon.

I was truly happy to see the room full of people, including Monsenhor Teixeira, to whom I explained in detail the meaning of each work. My friend Miguel Vicente, an architect, was also very pleased and bought some of the pieces. Some acquaintances from Hong Kong came as well among them, Watis Fine Arts Gallery, who also acquired some works. As they could not come back to Hong Kong that night I invited them to my place and showed some of my unexhibited work. They were so pleased to see it, that they invited me to exhibit in their territory. Which happened two years later, when I was already living in Hong Kong.

# Livros de artista



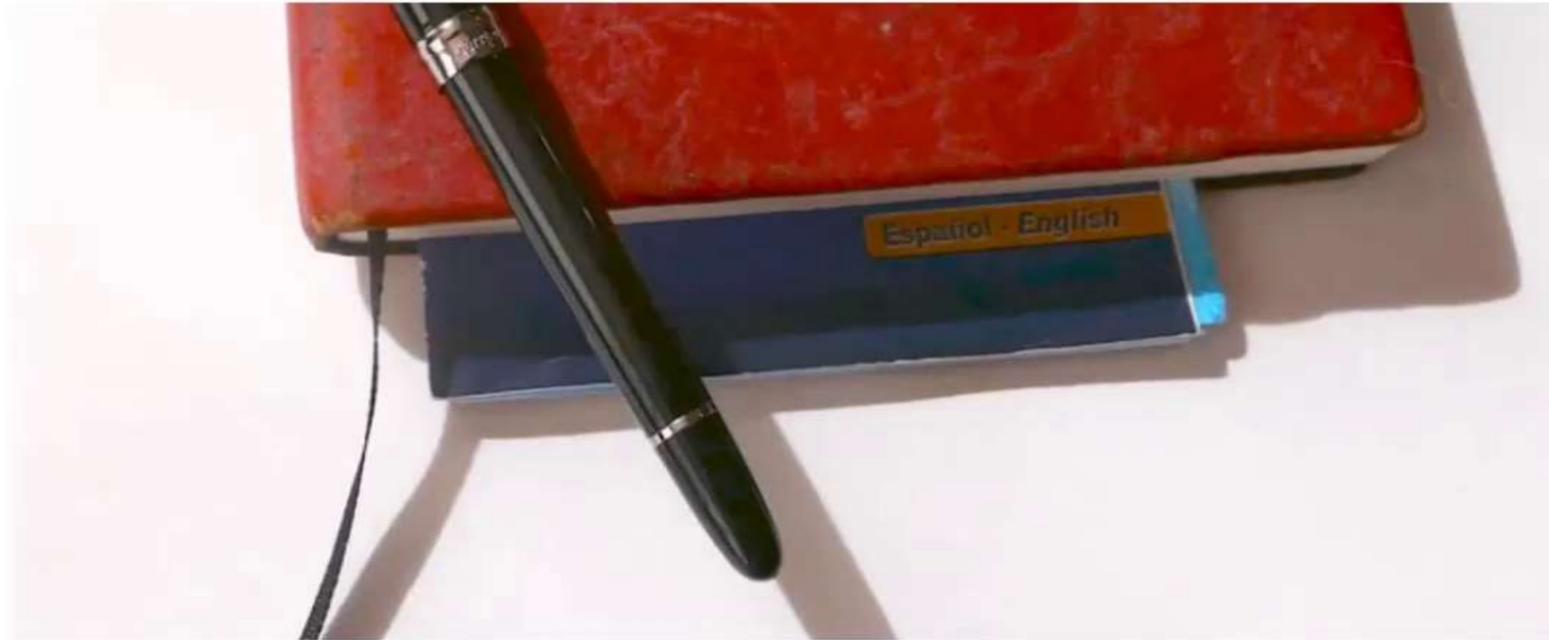
2015



2022

BIODADOS -- colóquio da lusofonia





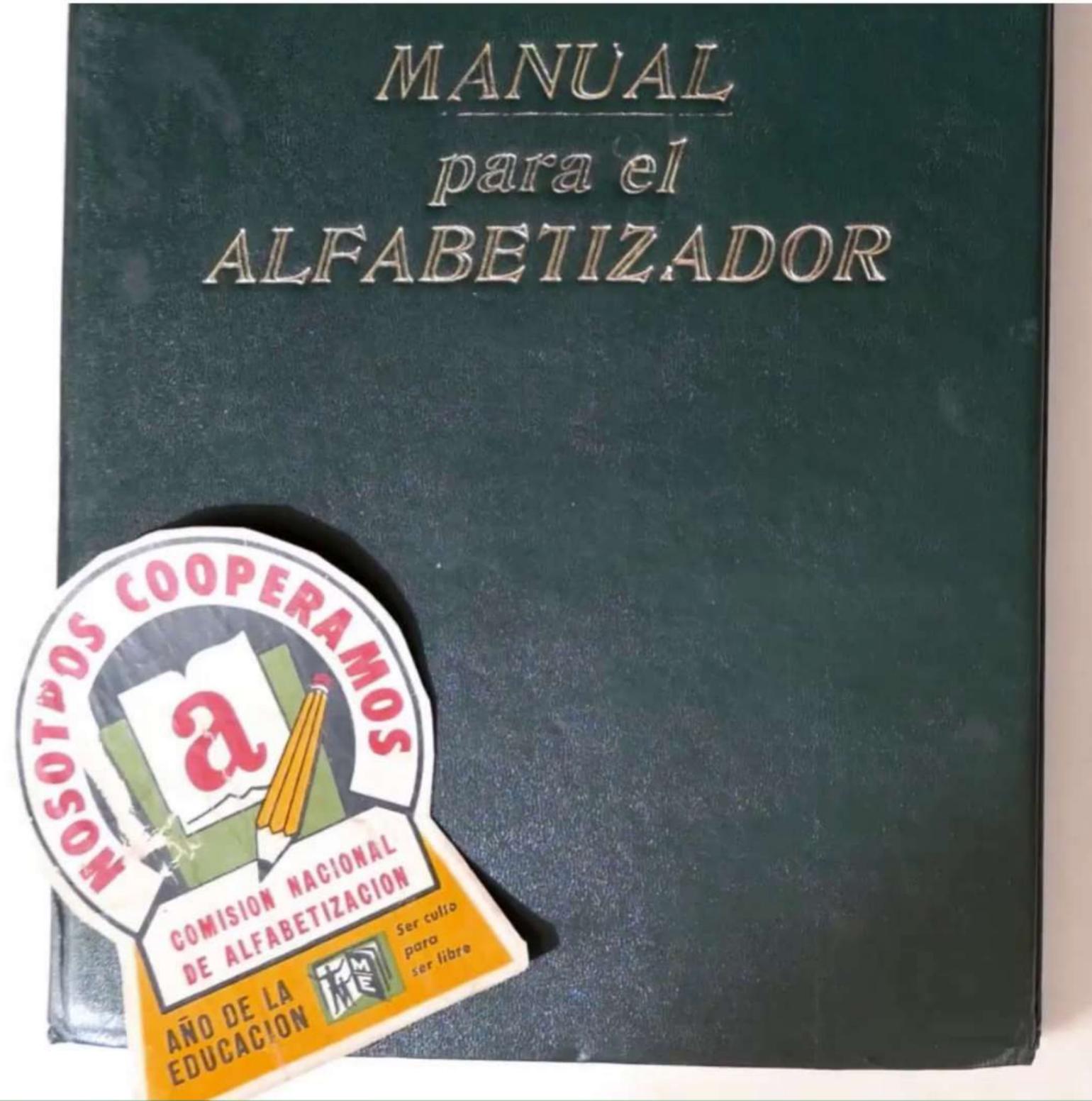
Corro para comprar uma Coca Cola. Cheguei ao aeroporto José Martí, cheio de sede, depois de um longo vôo, enfrentando a noite cálida e húmida de inverno cubano.

Temperatura e humidade numa mescla tropical.

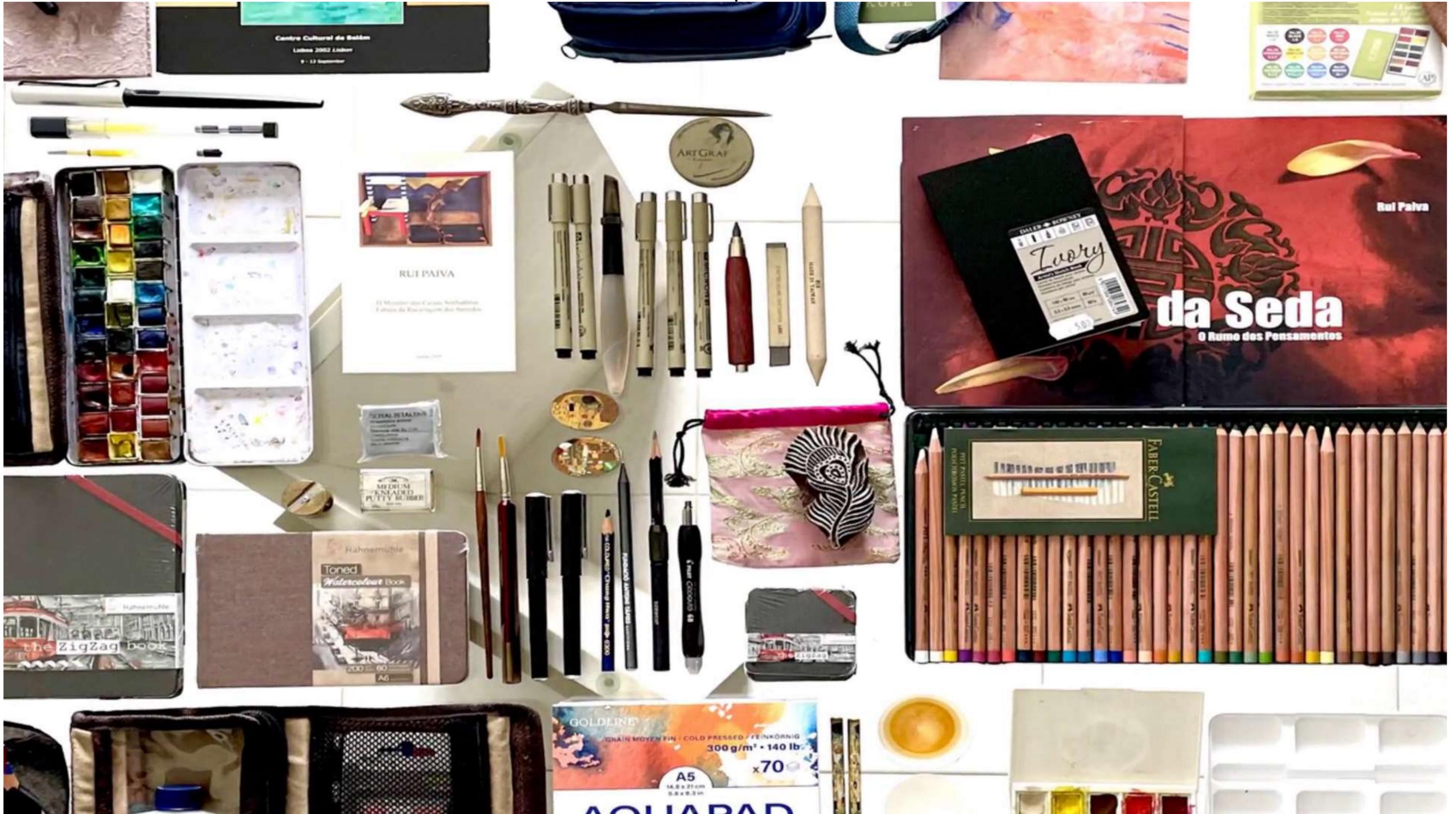
Para meu desespero, não me aceitam euros. Somente os CUC's (ou cucos), os pesos convertibles podem pagar uma lata de precioso líquido. Sem cucos nada feito.

Omara Portuondo no Hotel Nacional de Cuba



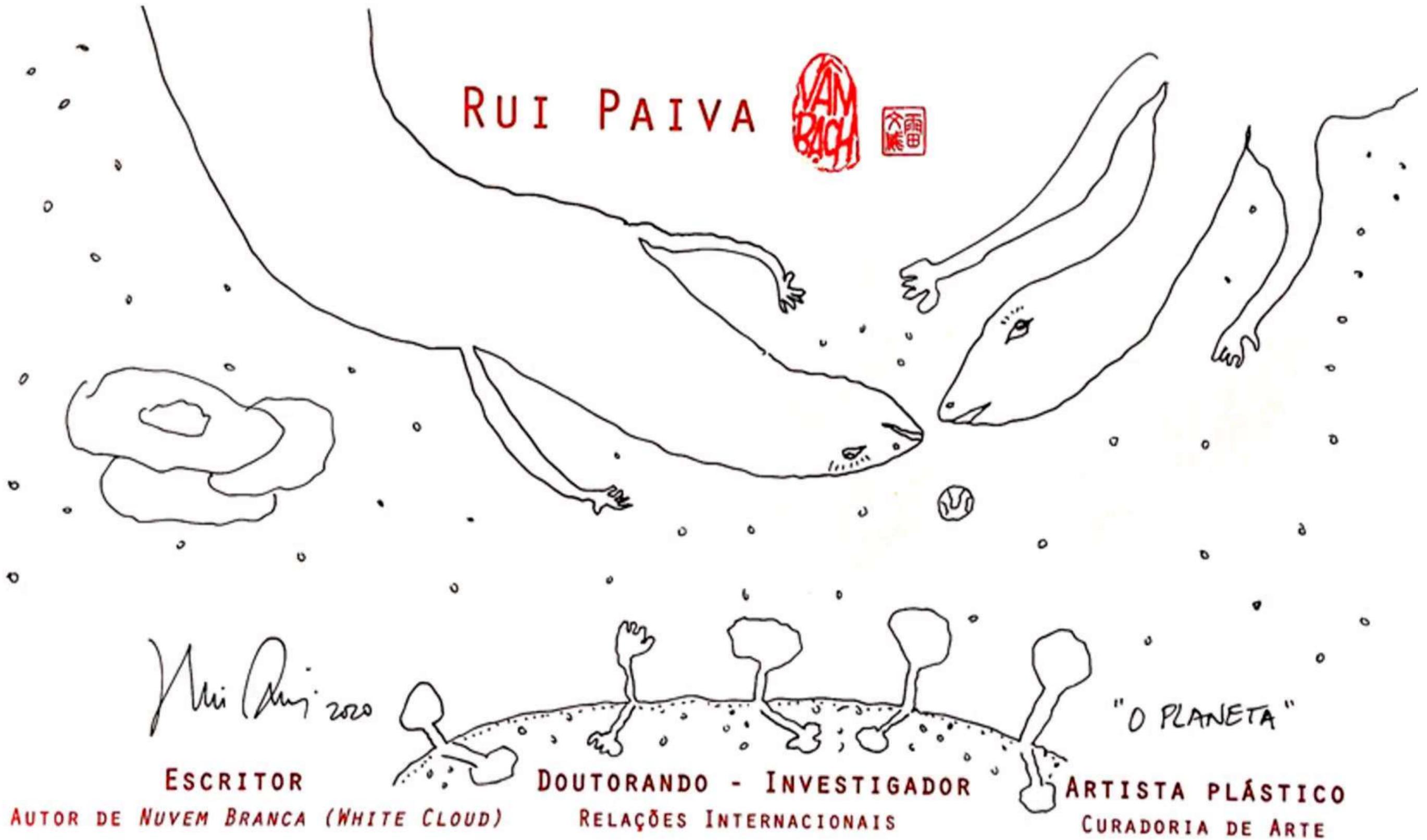


BIODADOS -- colóquio da lusofonia



"Painel das Mães"





RUI PAIVA



Rui Paiva 2020

"O PLANETA"

ESCRITOR

AUTOR DE NUVEM BRANCA (WHITE CLOUD)

DOUTORANDO - INVESTIGADOR

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ARTISTA PLÁSTICO

CURADORIA DE ARTE

1. **Apresentou Viagem às memórias de um “observador atento Lusofonias: África, Europa e Ásia nas artes e na escrita,**

A escrita de um percurso cultural entre a África Oriental e a Europa: a Ásia como roteiro de crescimento, a Geopolítica como ferramenta mental

Viver é viajar num corpo de tempo.

Podemos carregar o corpo, mas também podemos deslizar.

Encher uma mochila de sonhos, deixar que o corpo acompanhe a mente nesse flutuar de *Nuvem Branca*.

Foi o que aconteceu comigo, partindo de uma infância e adolescência de Natureza Africana.

Na origem, Moçambique!

Primeiramente no centro, no planalto do Chimoio, mais tarde a sul.

Na verdade, sempre pensei a sul.

Em miúdo, aos 13 anos, escrevia contos policiais, como o *rapto*” ou tantos outros de ficção política.

A título de exemplo: o *fracasso*, revelando este, ficcionalmente, o tráfico de armas nucleares nas fronteiras da URSS.

Mais tarde, entre os 18 e os 20 anos, foi a vez de um curso de cinema e a alfabetização para as *mamas* nos arredores de Maputo, a caminho do aeroporto.

Foi aí que conheci e conversei com os primeiros camaradas da Frelimo aquartelados nos arredores de Maputo.

De referir as artes, bem como muitos desenhos geopolíticos que se mantêm de acordo com a realidade, desequilibrada e global.

Sempre respirei a Geopolítica...

Na infância, no pensamento, nas artes e na escrita.

Em Macau, o meu *Macau Pobre*, para onde fui muito jovem, atuei no setor público (controlo de preços, mais tarde organização dos serviços e, por um ano, a direção total dos poderosos serviços de economia), tendo também ensinado no liceu.

Fiz karaté SEIGOKAN, aprendi (e fui esquecendo) as primeiras dezenas de caracteres.

Como se não tivesse aprendido a desenhar um A mas uma ideia muito minha da Ásia.

A *China Moderna* recebeu a minha atenção numa pós-graduação e uma década e meia depois, num doutoramento (Investimento direto chinês na Europa Ibérica), no entanto devido à pandemia, suspenso no tempo.

Realizei dezenas de palestras acerca de economia e de finanças, mormente sobre a banca, analisando a Ásia, a RPC, os BRICS, e também, por muitas vezes, e mais animicamente, Macau e Hong Kong (a última palestra-aula sobre esta colónia britânica, foi num curso de filosofia, quando se discutia a Democracia).

Existia, e existe, muita iliteracia financeira asiática.

Muito desconhecimento factual, mesmo nos venerados “especialistas”.

Talvez facto este irónico, fui descoberto para as artes em 1980 por um Curador e Presidente de uma Associação de Arte Dramática de Macau, um cidadão chinês, culto, esclarecido.

Que publica desenhos meus, surrealizantes, acompanhados da sua Crítica de Arte, sem eu saber.

Dei-me, então, uns anos de aprendizagem e reflexão.

Só por alturas de 89/90, no terceiro período de Macau, comecei a expor individualmente.

Não foi fácil mostrar que um diretor bancário podia ser um artista plenamente assumido.

Banca e Artes, duas barricadas que se observam, mas não aceitam facilmente a sua sobreposição.

Seguiram-se mais de uma centena de coletivas, pela Ásia Grande, Japão, Coreia do Sul, Malásia, Singapura, Portugal.

Dezenas de individuais neste país, mas também em Macau, Hong Kong e em Ho Chi Minh City, no Vietname.

Como escritor, para além da ilustração de diversos livros de escritores e poetas de Macau e Portugal, aponto os três livros por mim editados:

*Desenhos-Macau 79-82,*

*Nuvem Branca – Livro de Vida e*

*Porto Moniz,*

e deixo no ar uma surpresa para breve.

## 2. Apresentou uma sessão de oficina de trabalho sobre pintura a aguarela na Escola Secundária da Ribeira Grande

AÇORIANO ORIENTAL  
DOMINGO, 29 DE OUTUBRO DE 2023COORDENAÇÃO DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA RIBEIRA GRANDE  
PÁGINA MENSAL | email: cj.S0260@edu.azores.gov.ptP. nto &  
JORNAL

Ponto&amp;Vírgula 19

# Workshop de Pintura na ESRG com o artista Rui Paiva

“Pude reviver a pintura com aguarela. O Sr. Rui partilhou connosco as suas obras e ensinou-nos novas técnicas.”

VITÓRIA ANDRADE

Uma certa bonomia e descontração trouxe consigo, logo pela manhã, o artista Rui Paiva à Escola Secundária da Ribeira Grande, para a realização de um workshop de pintura.

Chegou de mala de viagem, pelo que poderíamos deduzir que teria acabado de aterrar na ilha do Arcaño e se dirigido imediatamente à escola, mas não. Qual mágico que de dentro da cartola faz sair a cor da alegria, Rui Paiva foi retirando da mala os materiais que consigo trazia: o papel de aguarela, os grafites, os pincéis, as aguarelas, o pastel seco, os acrílicos, num gesto de desvelada pedagogia, captando em êxtase o olhar atento dos alunos. Discorreu sobre a arte da pintura, apresentou-lhes pintores de referência, mostrou-lhes o seu trabalho e explicou-lhes as técnicas da aguarela, despertando-lhes a curiosidade pelo que se seguiria. Depois, explicados os conceitos, os alunos, ávidos de novas experiências,



Alunos em Workshop de Pintura com o artista Rui Paiva

lançaram-se ao trabalho, explorando os diferentes materiais e, com isso, redescobrimdo as técnicas da aguarela e do acrílico.

Assim, aquilo que poderia ter sido uma breve pincelada de aguarela sobre o papel converteu-se numa tela de tons suaves e alegres com predominância para o azul, o verde, o laranja e o dourado, onde não faltou um toque de sal a simular a espuma das ondas.

No final, a generosidade do

mestre a premiar o esforço dos seus discípulos: cada aluno levou consigo um kit de material de artes plásticas, todos diferentes, para que pudessem partilhar entre si, e uma peça de fruta, pois, se é verdade que “os olhos também comem”, não é menos verdade que é necessário alimentar o corpo e, para isso, nada mais deleitoso do que provar, no final, a fruta que se desenhava no papel de aguarela. \*

PROF. PAULA TAVARES

“...uma experiência incrível, que definitivamente irei levar para toda a vida.”

BEATRIZ MELO

“Só tenho a agradecer ao Sr. Rui por ter vindo dar este workshop maravilhoso.”

LISANDRO JACOB

“Foi diferente, pois vimos imagens de obras e pintores, trabalhámos novas técnicas, e no final deu-nos prendas.”

MARIANA PONTES

## Projeto Escola e família, uma só equipa

Este projeto da ESRG pretende estreitar a relação entre a escola e as famílias, estando já na segunda edição.

Atualmente, tanto a escola como as famílias enfrentam desafios ao nível da educação dos adolescentes, quer pelas mudanças que ocorrem a nível da sociedade, quer a nível do desenvolvimento tecnológico. Os adolescentes precisam de orientação e de limites fortes e consistentes que serão mais eficazes se a escola e a família trabalharem em uníssono.

As sessões presenciais são mensais e têm a duração de 90 minutos (das 18h às 19h30), sendo dinamizadas pela docente Raquel Faria.

Nestas sessões apela-se à participação dos presentes com partilhas de experiências e resolução de exercícios propostos.

No presente ano letivo, a escola está a apostar mais na divulgação do projeto, estando aberto a toda a comunidade educativa e à participação de pais e encarregados de educação de outras unidades orgânicas que tenham interesse em participar.

Esperamos que a equipa seja a maior possível pelo sucesso dos nossos alunos! \*

PROF. RAQUEL FARIA - ADAPT.

